Vetores de Memória no Tempo Presente: A Representação da Ditadura Militar no Cinema Brasileiro Contemporâneo

Camila Maria Ribeiro das Neves (PIBIC/AF/UEM), David Antônio de Castro Netto (Orientador). E-mail: Ra80097@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências Humanas; História; História do Brasil; História do Brasil República.

Palavras-chave: Ditadura militar; Cinema; Memória.

RESUMO

O estudo analisa as produções audiovisuais e as disputas de memória sobre a ditadura militar no cinema brasileiro entre 2019 e 2026, buscando compreender o contexto histórico desse período, marcado por disputas ideológicas e pela ascensão da extrema direita brasileira. Após o mapeamento dos filmes produzidos, os objetivos foram: compreender a predominância de documentários na representação do período ditatorial e, na sequência, a análise volta-se para o filme de ficção *O Agente Secreto*, de Kleber Mendonça Filho (2025). A escolha de analisar o filme deve-se a alguns elementos, tais como, sua popularidade nacional e internacional e inovadora narrativa cinematográfica, que aborda temas cruciais para a sociedade brasileira. A metodologia fundamenta-se na História do Tempo Presente, cinema e memória, utilizando os estudos de Marcos Napolitano (2015) e Michael Pollak (1992). A pesquisa revela que a predominância do documentário se deve a pelo menos dois motivos: como uma espécie de "prova documental" diante da ascensão de discursos negacionistas sobre a ditadura militar no tempo presente e, segundo, o documentário pode ser viabilizado por envolver menores custos de produção frente ao intenso desmonte das políticas culturais que o setor audiovisual enfrentou no governo de Jair Bolsonaro. Na segunda etapa da pesquisa, a análise de *O Agente Secreto* evidencia que a narrativa cinematográfica articula temporalidades distintas, conectando o colaboracionismo e a repressão estatal do passado ditatorial às desigualdades e ao autoritarismo do presente. A pesquisa busca analisar o cinema como um vetor de memória e um espaço estratégico de resistência, sendo fundamental para a conscientização histórica e para a elaboração de passados traumáticos que ainda ecoam na sociedade brasileira.

INTRODUÇÃO

Entre 2019 e 2026, o cinema brasileiro passou por um período de profundas transformações políticas, econômicas e culturais. O setor audiovisual foi impactado por crises institucionais, cortes orçamentários e disputas ideológicas sobre a cultura e sua relevância para o país, especialmente durante o governo de Jair Messias

Bolsonaro (2019–2022). Nesse cenário, o cinema brasileiro passou a refletir disputas de memória e tensões do tempo presente.

A pesquisa iniciou-se com o levantamento de produções audiovisuais brasileiras sobre a ditadura militar lançadas entre 2019 e 2026, priorizando obras de maior alcance popular. A intenção não foi aprofundar-se na análise individual das obras ou realizar sua decupagem, mas localizar como a memória sobre o período foi apresentada na narrativa cinematográfica. Utilizamos inicialmente a análise sobre o cinema como vetor de memória elaborada pelo historiador Marcos Napolitano. Esse mapeamento permitiu identificar uma predominância do gênero documental em relação às obras ficcionais, o que levou à reelaboração do problema de pesquisa. A partir desse mapeamento, a delimitação do trabalho passou a investigar as relações entre os filmes ficcionais e as disputas de memória atuais, focando sua segunda etapa na análise prioritária de um único filme ficcional: *O Agente Secreto* (2025), de Kleber Mendonça Filho, escolhido por sua relevância, originalidade e abordagem estética.

REVISÃO DE LITERATURA

A partir da perspectiva da História do Tempo Presente, a pesquisa compreende que determinados passados traumáticos permanecem ativos na sociedade, sendo constantemente reelaborados por meio da política, da cultura e das disputas de memória. Nesse sentido, a ditadura militar brasileira não é compreendida como um acontecimento encerrado, mas como um passado que continua ecoando efeitos no presente. A escolha teórica e metodológica justifica-se por sua importância e emergência: com a ascensão da extrema direita e de narrativas negacionistas, torna-se imprescindível para a compreensão das disputas de memória do contexto histórico. Para Delgado e Ferreira (2013, p. 19), esse estudo "entrou na ordem do dia no Brasil, não só como objeto de pesquisa acadêmica, mas também como tema desafiador para os historiadores".

A fundamentação teórica vale-se das discussões de Marcos Napolitano sobre a relação entre cinema e história, apoiando-se em seus estudos sobre memória e produções audiovisuais acerca da ditadura. O autor propõe "[...] pensar o cinema não apenas como 'vetor' de memórias [...], mas como 'produtores de memória', identificada a partir de sua narrativa audiovisual em diálogo com os debates historiográficos" (MORETTIN; NAPOLITANO, 2018, p. 13). Assim, a escolha de analisar o filme *O Agente Secreto* baseia-se no entendimento do cinema como espaço de resistência. Compreendê-lo como vetor da memória da ditadura militar é de extrema importância para a consciência histórica da sociedade brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O mapeamento permitiu identificar uma predominância do gênero documental em relação às obras ficcionais. A gestão de Jair Bolsonaro (2019–2022) promoveu um desmonte estrutural e financeiro no setor cultural brasileiro. Com a crise orçamentária, os cortes de financiamento influenciaram diretamente as produções

audiovisuais, fazendo com que o mercado encontrasse meios mais acessíveis para continuar produzindo. Nesse cenário, o documentário tornou-se, muitas vezes, o caminho mais viável para a continuidade de produções sobre temas historicamente sensíveis, como a ditadura militar.
A segunda parte do projeto focará no filme *O Agente Secreto*. A pesquisa busca analisar de que maneira o diretor Kleber Mendonça Filho articula temporalidades distintas dentro da narrativa cinematográfica, investigando possíveis similaridades entre acontecimentos do passado ditatorial e questões do presente. A investigação também buscará compreender de que maneira a narrativa do filme constrói possíveis relações entre repressão estatal, elite econômica e colaboracionismo civil durante a ditadura militar.

CONCLUSÕES

A análise das produções audiovisuais entre 2019 e 2026 evidencia como o cinema brasileiro se consolida como um vetor de memória e um espaço estratégico de resistência diante da ascensão da extrema direita e dos discursos negacionistas. Seja pela predominância inicial do documentário como "prova documental" e alternativa viável frente ao desmonte das políticas culturais, seja pela potência da narrativa ficcional de *O Agente Secreto* ao articular temporalidades distintas — conectando a repressão estatal e o colaboracionismo do passado ditatorial ao autoritarismo do presente —, a pesquisa reafirma o papel fundamental do cinema para a conscientização histórica e para a elaboração de passados traumáticos que permanecem ativos e continuam ecoando na sociedade brasileira.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Araucária, pelo apoio financeiro e pela concessão da bolsa de pesquisa, essenciais para o desenvolvimento deste estudo.
Ao meu orientador, Prof. Dr. David Antônio de Castro Netto, pela atenção constante e pelos ensinamentos transmitidos em cada etapa deste trabalho.
Ao meu amigo Tercio Campana Beccati, pelo incentivo, pela disponibilidade em ajudar e pelo companheirismo demonstrado ao longo de toda esta jornada.

REFERÊNCIAS

DELGADO, L. de A. N.; FERREIRA, M. de M. **História do tempo presente e ensino de História**. Revista História Hoje, v. 2, n. 4, p. 19-34, dez. 2013.

MORETTIN, E.; NAPOLITANO, M. (Org.). **O cinema e as ditaduras militares: contextos, memórias e representações audiovisuais.** São Paulo: Intermeios; Fapesp; Porto Alegre: Famecos, 2018.

NAPOLITANO, M. **Recordar é vencer: as dinâmicas e vicissitudes da construção da memória sobre o regime militar brasileiro.** Antíteses, v. 8, n. 15esp., p. 09-44, nov. 2015.

O AGENTE secreto. Direção: Kleber Mendonça Filho. Produção: Emilie Lesclaux. Recife: CinemaScópio, 2025. 1 filme, son., color.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.